



thij
tourism and hospitality
international journal

THIJOURNAL.ISCE.PT

ISSN: 2183-0800

VOLUME 16 | NÚMERO 1 | MARÇO 2021 [26ª. EDIÇÃO]
VOLUME 16 | NUMBER 1 | MARCH 2021 [26TH EDITION]
VOLUMEN 16 | NÚMERO 1 | MARZO 2021 [26ª EDICIÓN]



Instituto Superior
de Lisboa e Vale do Tejo



Departamento
Turismo@ISCE

WORK EXCHANGE EM LISBOA: VIAGEM, TRABALHO E ALGUMA DIVERSÃO

Kali Fauaze

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Jorge Abrantes

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril | Universidade Aberta

Fauaze, K. & Abrantes, J. (2021). Work exchange em Lisboa: Viagem, trabalho e alguma diversão. *Tourism and Hospitality International Journal*, 16(1), 33-48.

Resumo

Como resultado dos princípios da economia partilhada, da existência de plataformas promotoras deste tipo de intercâmbio e da nova realidade geracional (*millennials*), o intercâmbio de trabalho (*work exchange*) no setor do turismo tem assistido a um crescimento da sua importância internacionalmente, onde muitos dos turistas trocam mão-de-obra por hospedagem e alimentação. Esta situação permite aos turistas viajarem a baixo custo, alargando a sua permanência nos destinos e aproveitando, ao mesmo tempo, para visitar e conhecer esses territórios. Fruto do crescimento do número de *hostels* na cidade, Lisboa (Portugal) tem sabido atrair esta nova procura turística. A presente investigação olha para esta inovadora realidade, de combinar trabalho e lazer, como principal motivação à viagem, fazendo uma caracterização do perfil do turista trabalhador na cidade de Lisboa. Os resultados evidenciam que muitos destes turistas poderiam não se deslocar, caso não existisse a possibilidade de *work exchange*, considerando ser uma forma mais sustentável, barata e cativante para se explorarem novos destinos e se conhecerem novas pessoas.

Palavras-chave

Hostels, Intercâmbio de trabalho, Lisboa

Abstract

As a result of the principles of shared economy, the existence of platforms that promote this type of exchange and the new generational reality (millennials), the work exchange in tourism sector has seen an increase in its international importance, where many tourists exchange labor for accommodation and food. This way, tourists are able to travel at low cost, extending their stays in destinations and, at the same time, visiting and discovering these territories. As a result of the growth in the number of hostels in Lisbon (Portugal), the city has been able to attract this new touristic demand. This investigation observes an innovative reality of combining work and leisure, as the main motivation for a trip, characterizing the profile of the working tourist in the city of Lisbon. The results show that many of these tourists would not be able to travel without the possibility of participating in work exchange, considering this to be a more sustainable, cheap, and captivating way to explore new destinations and meet new people.

Keywords

Hostels, Work exchange, Lisbon

Introdução

A sociedade mundial tem enfrentado o aparecimento de grandes desafios provocados pelas rápidas mudanças e constante evolução do mundo atual. Crises climáticas, sanitárias, políticas e socioeconómicas, entre outras, têm-se mostrado como preocupantes ameaças para grande parte do planeta. Novas realidades tecnológicas, novos meios de comunicação, forte conectividade e crescente velocidade da difusão da informação, levaram ao aparecimento de novas oportunidades de negócio, a par de novas preocupações e necessidades de adaptação dentro do atual contexto global. Sendo um dos setores que mais sofre destas contínuas transformações, o turismo tem sido confrontado, ao longo dos tempos, com novos desafios, ao mesmo tempo que tem sabido reinventar-se, para se ir adequando às necessidades dos viajantes e dos destinos.

Visto em muitas regiões do planeta como um importante vetor de desenvolvimento económico e atividade indispensável para a criação de empregos e sustentabilidade social, o turismo também pode ser considerado, em muitos casos, um fenómeno predatório, massificado e prejudicial às comunidades locais e aos turistas que procuram experiências mais autênticas. Problemas ligados ao *overtourism* e ao *mass tourism* colocam em causa a capacidade de carga de certos territórios e destinos, a sua sustentabilidade ambiental, a par da elevada especulação imobiliária e do aumento do custo de vida, afetando a qualidade e o quotidiano dos residentes locais. Novas ideias têm sido criadas e debatidas para que o turismo possa transformar-se num serviço com impactos mais positivos na vida das pessoas, convertendo-se em um elemento de agregação de valor para os destinos, seus residentes e turistas.

A partir de tais preocupações, e em busca de práticas mais sustentáveis dentro do turismo, surgiram conceitos como o *work exchange*. Fruto dos princípios da economia partilhada, o *work exchange* é um formato de turismo colaborativo, onde turistas trocam mão-de-obra por hospedagem e alimentação. Graças a este conceito, muitos turistas conseguem viajar a baixo custo, alargando as suas estadas nos destinos e, ao mesmo tempo, ajudando as empresas e membros dessas comunidades locais.

Sendo possível a prática do *work exchange* em inúmeros setores da sociedade, o mesmo tem-se popularizado no turismo, onde Portugal e em particular a cidade de Lisboa, não são exceção. A cidade de Lisboa tem testemunhado grande aumento em termos de procura e oferta turística, em especial junto dos *millennials*, evidenciando-se, de igual modo, como um dos principais destinos europeus da atualidade (Hoffower, 2019; Kale, 2017; Kirk, 2019; Sousa, 2019). Devido a esse destaque, o destino tem acompanhado o surgimento de muitas inovações, posicionando-se hoje com um dos principais centros de desenvolvimento ao empreendedorismo e no lançamento e desenvolvimento de *startups* (Lisboa foi considerada a 5º *startup hub* mais popular, em 2018, entre 105 cidades europeias), a que não será igualmente alheio o contributo dado pelo *Web Summit* na projeção da imagem e atratividade de Portugal (em especial da cidade de Lisboa) em termos internacionais (Gomes, 2019).

Esta situação tem levado ao reforço da sua importância turística, sendo que, em 2019, a Área Metropolitana de Lisboa (A.M. Lisboa) viu reforçado o seu peso como segundo destino turístico nacional (25,9% das dormidas nacionais, representando globalmente mais de 18,6 milhões de dormidas em todos os meios de alojamento), um crescimento de 7,3% face ao ano anterior na oferta de alojamento (1155 estabelecimentos hoteleiros, dos quais 338 hotéis) e o rendimento médio por quarto disponível (RevPar) mais elevado nas diferentes regiões turísticas nacionais, na ordem do 82 euros (INE, 2020).

Um dos setores que tem igualmente demonstrado um crescimento constante é o setor dos *hostels* (Abrantes, 2016; Costa & Veríssimo, 2018). Em virtude da popularidade dos *hostels*, programas de *work exchange* têm atraído um grupo específico de viajantes para Lisboa: os turistas trabalhadores, viajantes que buscam experiências turísticas através de trabalhos voluntários.

Através do *work exchange*, novas dinâmicas e realidades são criadas, impactando não somente quem viaja, mas também quem acolhe os turistas, além dos destinos propriamente ditos. Assim sendo, novas plataformas de *work exchange* têm aparecido e, pelo poder de divulgação proporcionado pela *internet*, têm permitido maior acessibilidade e novas possibilidades para os viajantes e para os empreendimentos turísticos numa escala global (Engelbrecht, Pinheiro, & Yurgel, 2018).

Desta maneira, este artigo pretendeu entender o funcionamento dos programas de *work exchange*, explorando os seus principais impactos na experiência turística. A investigação teve a intenção de analisar, em específico, as características dessa atividade e descrever o perfil dos turistas trabalhadores que participam de programas de *work exchange* na cidade de Lisboa e, em particular, na articulação entre trabalho e lazer, ou seja, se estes turistas aproveitam para conhecer as regiões que visitam e onde trabalham.

Enquadramento Teórico

Graças às novas tecnologias e ao surgimento de modelos de *sharing economy* e de plataformas P2P (*peer-to-peer*), com forte adesão pela geração *millennial*¹, houve uma grande difusão de diferentes formatos de turismo colaborativo em todo o mundo (Botsman & Rogers, 2011). Desde o princípio dos anos 2000, novas plataformas ajudaram a disseminar a ideia de *work exchange*: trabalho “remunerado” em forma de hospedagem e alimentação. O aparecimento e popularidade de programas de *work exchange* mudaram completamente a ótica e a forma como muitos dos turistas viajam atualmente.

A difusão da *internet* fez com que os programas existentes, desde a década de 70, como o WWOOF (*Willing Workers On Organic Farms* e, que no início, visava apenas trabalho em fins de semana - *Working Weekends On Organic Farms*), muito ligado ao

¹ Considera-se geração *millennial* ou geração Y todos os nascidos entre 1981 e 2001 (Howe & Strauss, 2007), sendo formada por jovens na era de revolução digital e que Tapscott (2009) definiu como “*the social generation*” já que estão constantemente conectados com os seus círculos sociais via *online* ou *mobile*.

trabalho voluntário em quintas orgânicas (WWOOF, 2020), sejam hoje uma realidade com forte difusão na *web*. Outros programas, como os da Workaway e do Worldpackers, também se tornaram opções viáveis para aqueles que procuram viajar a baixo custo, ao mesmo tempo que procuram um maior envolvimento na cultura e costumes locais, além de contribuírem, de certa forma, para cada destino que visitam (Engelbrecht, Pinheiro, & Yurgel, 2018).

Diferente de modelos mais populares de *sharing economy* e de plataformas P2P que tiveram rápida expansão internacional, como o Airbnb e a Uber, o *work exchange* não se baseia na monetização dos bens, serviços e capacitações daqueles que participam, tendo como premissa de base a troca gratuita entre as partes envolvidas (Cheng, 2016; Schor & Fitzmaurice, 2015).

No entanto, apesar de ser hoje uma realidade, a definição de *work exchange* ou *work travel* continua fora dos glossários da Organização Mundial de Turismo (UNWTO, 2020). Muito da literatura existente refere-se a voluntariado (e que, no turismo, aparece referida como *voluntourism*), cujo principal objetivo se traduz em “fazer o bem”, em especial, junto de comunidades marginalizadas, em crise e com fortes necessidades de serviço cívico e comunitário (Cheer, 2019, 2018; Reichert & Print, 2018; Wearing, 2001) ou no alívio da pobreza (Frazer & Waitt, 2016). Ao contrário do *work exchange*, onde não existe monetização da transação, muitos dos projetos de *voluntourism* assentam numa participação e num pagamento feito pelo voluntário para o projeto onde participa (Stein, 2017). Thompson e Taheri (2020) estabeleceram um quadro teórico sobre os principais trabalhos de investigação em voluntariado no turismo, onde os aspetos de *social exchange* e *cultural exchange* são referenciados, mas onde o *work exchange* não é enquadrado.

Formigoni (2018) definiu *work exchange* como “*a type of travel where you exchange your time and abilities for accommodation*”, salientando a importância da troca colaborativa de trabalho e *skills* por acomodação.

Cabe a Uriely e Reichel (2000, p. 268) a definição de “*working tourist*” como “(…) *tourists who engage in situations that combine work with tourism*”, sendo que Uriely (2001) criou quatro categorias para distinguir as motivações e características de quem combina viagem e trabalho. Deste modo, Uriely (2001) distingue entre turistas trabalhadores e trabalhadores turistas, afirmando que os trabalhadores turistas são aqueles que viajam em negócios (*traveling professional workers*), assim como, trabalhadores que emigram à procura de uma oportunidade de trabalho (*migrant tourism workers*). No que se refere aos turistas trabalhadores, categoria onde se integra a participação de turistas em programas de *work exchange*, o autor define-os como turistas que recorrem a algum tipo de trabalho para prolongar uma viagem em curso (*non-institutionalized working tourists*), tal como os turistas que procuram oportunidades de voluntariado com o propósito específico de vivenciar uma experiência turística (*working-holiday tourists*).

Sendo um tema pouco estudado, não existem, igualmente, estatísticas sobre o âmbito do *work exchange*, seja do número de participantes seja da riqueza gerada para o

turismo. Mesmo assim, como defendido por Callanan e Thomas (2005) e Wearing e McGehee (2013), o século XXI irá assistir a um proeminente aumento do turismo voluntário. Dados estimados para turismo voluntário pelo Global Wellness Institute (citado em Stein, 2017) apontavam para um peso do turismo voluntário, em 2013, na ordem dos 10 a 20 mil milhões de dólares americanos. Também a Tourism Research and Marketing (TRAM) estimou que o turismo voluntário terá representado, em 2008, cerca de 1,6 milhões de turistas, com um valor entre os 832 milhões e 1,3 mil milhões de libras esterlinas, tendo, cada turista voluntário pago, em média, 2000 libras esterlinas para participar em projetos de voluntariado (TRAM, 2008).

Como referido anteriormente, são várias as alternativas para participação em iniciativas de *work exchange*. A plataforma Workaway surgiu no ano de 2002, com a intenção de facilitar a experiência turística através do trabalho, em qualquer área proposta pelos ‘empregadores’ (ou *hosts*). No *site* do Workaway, os *hosts* podem postar vagas de trabalho em praticamente qualquer local ou área de atuação, sendo os *hostels* os locais mais divulgados. O *site* é acessado por cerca de 12 milhões de pessoas mensalmente, estando presente em mais de 170 países (Workaway, 2020b).

A plataforma Worldpackers funciona de forma muito similar ao Workaway, presente em mais de 100 países, tendo os *hostels* como principal atrativo para turistas trabalhadores. Conseguindo abranger um leque diferenciado nos seus programas a *homestays*, ONGs e eco-projetos, existem cerca de 1,5 milhões de pessoas registadas como turistas trabalhadores e *hosts* nos vários programas do Worldpackers (Worldpackers, 2020a).

O principal objetivo aquando da criação da plataforma foi democratizar experiências de viagens através de uma mentalidade voltada para a colaboração:

Worldpackers is a community based on collaboration and honest relationships that make travel more accessible to those seeking a profound cultural experience. Through an online platform, we connect travelers - looking to exchange their skills for accommodation - with incredible hosts from all around the world.² (Worldpackers, 2020a).

Ambas as empresas têm como objetivo funcionarem como canais assentes na colaboração e conexão entre pessoas e projetos. Sendo proibidas divulgações e trocas monetárias entre participantes, as pessoas são incentivadas a viajar a baixo custo, de forma colaborativa, trabalhando em troca de uma autêntica experiência turística (Workaway, 2020c; Worldpackers, 2020c). Para além das inúmeras oportunidades em *hostels*, os *sites* divulgam igualmente possibilidades de trabalho em áreas como *campings*, *baby sitting*, trabalhos em quintas, projetos artísticos, projetos de construção, entre outros (Workaway, 2020a; Worldpackers, 2020d). Tanto o Workaway, como o Worldpackers, não utilizam nenhuma forma de publicidade para as suas divulgações e dependem 100% das taxas anuais pagas pelos seus membros, valores esses que reverterem

² Worldpackers é uma comunidade baseada em colaboração e relações honestas que tornam as viagens mais acessíveis para aqueles que procuram uma profunda experiência cultural. Através de uma plataforma *online*, conectamos viajantes – que pretendem aplicar as suas habilidades em troca de alojamento – com incríveis *hosts* em todo o mundo.

para a manutenção das empresas e dos seus *sites* (Workaway, 2020c; Worldpackers, 2020c).

Do mesmo modo, quer o Worldpackers quer o Workaway possuem *blogs* e fóruns, onde mantêm discussões entre utilizadores, assim como, equipas disponíveis 24 horas para informações e apoio técnico aos *hosts* e turistas trabalhadores (Workaway, 2020a; Worldpackers, 2020b).

Para além das plataformas Worldpackers e Workaway acima descritas, existem ainda plataformas menos conhecidas de *work exchange*, como o Hippohelp, criado em 2017 pelo nómada digital e turista trabalhador sueco Leopold Huber (Hippohelp, 2020b). Huber idealizou o projeto ao se mudar para Guilin, na China, onde, posteriormente, comprou um terreno para cultivo orgânico de alimentos. A esse projeto, decidiu integrar voluntários através do *work exchange* (Hippohelp, 2020c). A plataforma possui hoje uma dimensão global, com oportunidades de *work exchange* em diversos setores (Hippohelp, 2020a). Outro exemplo é o *site* húngaro Hopperjobs (2020a). Apesar de uma difusão menos expansiva, em relação às plataformas citadas previamente, o Hopperjobs possui oportunidades de *work exchange* em 44 países, incluindo Portugal (Hopperjobs, 2020b).

Denota-se, igualmente, nestas plataformas, uma forte preocupação e adesão às questões de sustentabilidade, uma das preocupações e motivações de muitos dos turistas trabalhadores. A Workaway deixa claro, no seu *site*, o seu apoio aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (Workaway, 2020d), sendo que, nas restantes plataformas, as alusões à sustentabilidade são igualmente recorrentes, quer através dos projetos publicitados, quer do papel que os viajantes podem ter para um mundo mais sustentável.

Ao estabelecer-se como um destino de grande procura turística nos últimos anos, Portugal tem-se tornado também um país bastante atrativo para turistas trabalhadores, graças ao grande número de *hostels* presentes no país, com a cidade de Lisboa a assumir maior relevância nesta modalidade de hospedagem.

Apesar das limitações decorrentes da falta de fontes de referência académica que permitam uma abordagem mais científica do tema, é reconhecido, pela sua inovação, tratar-se de um novo contexto de procura turística com forte crescimento no mercado. Em contexto nacional, também o *work exchange* tem vindo a assumir maior relevância, onde Lisboa (e Portugal) são parte ativa e preponderante neste novo modelo de turismo. Como menciona Abrantes (2016, p. 130) “Outra nova tendência de mercado são os (...) turistas disponíveis para trabalhar localmente em troca de alojamento e alimentação. Portugal já faz parte integrante deste movimento com vários *hostels* disponíveis para albergar estes “turistas trabalhadores”.

Metodologia

Tendo como objetivo a busca de uma maior compreensão relativa ao perfil do turista trabalhador na cidade de Lisboa, assim como, quanto ao funcionamento de programas

de *work exchange* presentes na cidade, foi realizada uma pesquisa exploratória, a partir da recolha de dados em *hostels* de Lisboa.

Segundo dados publicados pelo Turismo de Portugal (s.d.), na área metropolitana de Lisboa existem 163 *hostels*, sendo a grande maioria deles divididos entre os concelhos de Lisboa (107 *hostels*), Mafra (Ericeira), Cascais e Sintra. Contudo, o *site* da Booking.com lista mais de 170 *hostels* no distrito de Lisboa.

Quanto à oferta de programas de *work exchange*, apenas na zona do distrito de Lisboa, existem 73 *hosts* ativos na plataforma Workaway e 64 *hosts* disponíveis na plataforma Worldpackers, com vagas para voluntários em *hostels*, além de quintas, ateliers, casas particulares, projetos sociais, entre outros (Workaway, 2020b; Worldpackers, 2020d).

A investigação contou com a participação de vinte inquiridos voluntários, previamente contactados, já que nem todas as unidades dispõem de programas de *work exchange*, assumindo, deste modo, características de amostragem não probabilística, de natureza criterial, atendendo às características específicas dos participantes, isto é, serem turistas trabalhadores em programas de *work exchange*. De acordo com Sekaram e Bougie (2001) a amostragem criterial (ou *judgmental sampling*) leva à escolha de sujeitos que estão em melhor posição para responder à informação requerida, segundo um critério pré-definido, com a amostra devidamente adaptada ao objeto de estudo. A idade dos participantes incidiu na faixa entre os anos de 1981 e 2001, como parte integrante da geração *millennial*. O número definido de participantes para o estudo foi considerado adequado, de acordo com os fundamentos metodológicos defendidos por Creswell (2014) para este tipo de estudos. Também Coutinho (2011, p. 94) recomenda, para inquéritos em subgrupos de menor dimensão, onde se insere a participação destes inquiridos, um número de observações, para efeitos de amostragem, entre as 20 e as 50 observações. A opção por *hostels* teve presente a opção deste tipo de alojamento preferencialmente por *millennials* e onde é mais normal encontrar uma participação de turistas trabalhadores. Olhando para os dados acima apurados, o número de inquiridos corresponde a 18,7% dos *hostels* na cidade de Lisboa (de acordo com os dados do Turismo de Portugal) ou a 27,4% e 31,2% nos sites da Workaway e Worldpackers, respetivamente, mesmo sabendo-se que, neste caso, os mesmos se referem a uma dimensão distrital e que podem incluir outras tipologias de alojamento não *hostel*.

O questionário *online* foi disponibilizado aos vinte inquiridos através da plataforma *surveyhero.com*, entre os meses de setembro e novembro de 2019. A aposta nesta ferramenta prendeu-se, acima de tudo, pela simplicidade e fiabilidade na construção do inquérito, assim como, na flexibilidade e liberdade dada aos inquiridos para as suas respostas. Foi dado maior enfoque a perguntas fechadas, de modo a retirar alguma potencial subjetividade às respostas. As perguntas que exigiam dos inquiridos respostas abertas, visaram uma melhor caracterização do perfil do turista trabalhador referindo-se principalmente à sua experiência individual no destino. Mesmo assim, era dada a possibilidade aos inquiridos de poderem acrescentar informações adicionais que ajudassem a uma melhor caracterização da sua experiência enquanto turistas

trabalhadores permitindo, deste modo, uma conjugação enquanto pesquisa quantitativa e qualitativa.

O questionário contou com 23 perguntas, maioritariamente fechadas, incluindo um espaço final para comentários adicionais, cujos objetivos visavam uma caracterização do turista trabalhador (6 questões), o grau de participação em programas de *work exchange* (6 questões), as motivações à participação em programas de *work exchange* (4 questões), à sustentabilidade, autenticidade e formato da viagem (3 questões), à imersão e vivência cultural local (2 questões) e à futura participação em programas de *work exchange* (2 questões).

O estudo pretendeu conhecer e explicar a representação do turista que realiza *work exchange* em Lisboa, primeiramente numa caracterização do seu perfil e, por fim, como avalia a experiência vivida na cidade de Lisboa. Por outro lado, não menos importante, perceber a importância que representa esta forma de turismo na relação com a viagem e com o destino.

Análise e Discussão de Resultados

De acordo com as respostas dos inquiridos ao questionário disponibilizado, foi possível caracterizar e entender o perfil do turista trabalhador que visita a cidade de Lisboa, permitindo, deste modo, uma melhor compreensão das experiências proporcionados pelos programas de *work exchange* realizados nessa cidade:

- A idade média dos inquiridos foi de 24,2 anos, sendo todos membros da geração *millennial*;
- Os visitantes provêm de onze países diferentes, com 80% dos inquiridos a residirem no Continente Europeu e 20% na América do Sul, América do Norte e Oceânia;
- A proximidade geográfica foi o fator determinante na escolha de Lisboa como destino para participação de grande parte dos inquiridos nos programas de *work exchange*;
- A maioria dos turistas trabalhadores (70%) possuía, como habilitações académicas, licenciatura ou mestrado;
- A maioria dos turistas trabalhadores declararam ser estudantes (25%), sendo que 65% dos turistas trabalhadores estão inseridos no mercado de trabalho nos seus respetivos países de residência (tendo-se contabilizado 13 profissões diferentes);
- As diferentes profissões exercidas pelos participantes nos seus países de origem, incluem áreas tão distintas como a advocacia, contabilidade, terapêutica *Reiki*, comunicação social, carpintaria, jardinagem, gestão e tecnologias de informação, entre outras.

No que diz respeito à participação em programas de *work exchange*:

- a maioria dos inquiridos (80%) já tinha participado anteriormente em programas de *work exchange*, com 20% a participar pela primeira vez. Para a maioria dos inquiridos esta será a sua terceira participação (para 6 dos participantes, ou seja, 30%), acompanhada de perto por aqueles que participam uma segunda vez

(25%). Dois dos inquiridos (10%) afirmaram que já participaram 5 ou mais vezes neste tipo de programas;

- As principais plataformas utilizadas foram o Worldpackers e Workaway, representando, globalmente, 65% das preferências destes turistas trabalhadores. Outros participantes afirmaram ter contactado diretamente os *hostels*, em busca de oportunidades de *work exchange*, via *e-mail* e *Facebook*, sendo que um dos turistas registou-se inicialmente como hóspede, tendo depois ficado mais tempo através da participação com turista trabalhador;
- As principais tarefas de trabalho exercidas pelos participantes durante os programas de *work exchange* nos *hostels* incidiram maioritariamente na preparação de pequenos almoços, limpeza dos ambientes compartilhados, arrumação dos quartos, receção e organização de eventos para os hóspedes.
- As duas principais razões para a participação em programas de *work exchange* foram a possibilidade de se poder ficar mais tempo num destino e de se poder viajar com custos mais baixos (representando, em conjunto, 44%). O espírito de voluntariado também esteve presente nas respostas, com alguns inquiridos a manifestarem o seu desejo de poderem contribuir localmente quando viajam, ao mesmo tempo, que gostam de conhecer e de trabalhar com locais;
- Os inquiridos acrescentaram ainda que a poupança em gastos com acomodação e alimentação, permitiram estadas mais longas, podendo explorar o destino em variadas atividades culturais e de lazer. Como referido por um dos inquiridos “(...) *It's a great opportunity to meet local and foreign people, know the city in a non-touristic way and stay a long time in the same place.*”

Quanto à escolha sobre Lisboa, onde se enquadra a afirmação supracitada, as principais motivações foram variadas, mas, mesmo assim, permitiram avaliar a capacidade de atratividade da cidade junto de um público mais jovem. A opinião de familiares e amigos e a possibilidade de poderem ter uma experiência de *work exchange* em muitos dos *hostels* da cidade, o clima e a proximidade de praias e por Lisboa ter sido o principal destino para os viajantes *millenials* em 2019, de acordo com a Business Insider (Hoffower, 2019), foram as principais motivações na escolha da cidade.

Todos os inquiridos afirmaram ter vivido uma experiência mais autêntica ao terem participado de um programa de *work exchange* em Lisboa. Entre os principais motivos, os turistas trabalhadores citaram, novamente, o facto de terem tido a possibilidade de passar mais tempo no destino e por terem podido economizar recursos financeiros, que lhes permitiram desfrutar muito mais da cidade.

A maioria dos participantes (65%) mostrou ter algum nível de preocupação com a sustentabilidade e o impacto das suas viagens em termos ambientais e culturais, tendo como foco principal, a sustentabilidade financeira proporcionada pelos programas de *work exchange* nas suas experiências individuais. Uma maioria expressiva dos inquiridos (95%) também confirmou acreditar que o *work exchange* é um formato de turismo mais sustentável em relação a outras formas de viajar.

A possibilidade de partilha de ideias e motivações similares com colegas de *work exchange* e com os colegas locais, tal como o intenso intercâmbio cultural ao encontrar,

trabalhar e conviver com pessoas de diversas partes do mundo foi igualmente salientado por muitos dos inquiridos juntando trabalho, conhecimento e diversão. A totalidade dos turistas trabalhadores afirmaram ter tido alto nível de imersão cultural durante o *work exchange*, sendo que, um dos motivos principais motivos foi a proximidade e o contacto com empregadores e moradores locais, com uma participação de proximidade muito grande que lhes permitiu terem uma visão muito mais introspectiva da cidade que, de outro modo, não experienciariam.

A diversidade geográfica de muitos dos inquiridos, a aposta num modelo de férias diferente, aliando trabalho com participação no local, permitiu a muitos dos participantes no inquérito, cuja maioria possui atividade profissional nos seus países de origem, poderem disfrutar de uma perspetiva diferente da cidade e da cultura local. O *work exchange*, como mencionado anteriormente, mesmo podendo assumir, em algumas situações, contornos de voluntariado, acaba por associar a componente de troca de uma forma mais visível, baseada no trabalho efetuado por esse turista e na sua compensação não monetária traduzida em alojamento e alimentação.

Muitos dos inquiridos são reincidentes na prática de *work exchange* embora, na investigação levada a cabo, se tenha constatado alguns *newcomers* nesta nova e crescente realidade, enaltecendo a capacidade que este novo modelo proporciona de aliar trabalho com a possibilidade de viajar com custos mais baixos, minimizados na componente de alojamento e acomodação. Muitos associaram a visita a Lisboa pela atratividade da cidade junto dos *millennials* ou por recomendação de familiares e amigos, mas também por poderem beneficiar de uma grande oferta cultural e gastronómica, com opções de visitas a sítios históricos, museus, teatros, concertos e a uma forte diversidade do setor de restauração. Para além das opções gastronómicas e culturais, uma grande vantagem da capital portuguesa é o seu clima ameno e a proximidade da praia (permitindo a prática do *surf*, como alguns inquiridos também mencionaram).

Finalmente, quando questionados se tiveram uma experiência positiva e se repetiriam as suas participações em outros programas de *work exchange* no futuro, todos os inquiridos responderam positivamente, tendo reafirmado que recomendariam, sem qualquer hesitação, a prática de *work exchange* aos seus familiares e amigos.

Conclusões

Fruto da evolução tecnológica, de uma geração sempre conectada e identificada com as oportunidades geradas pela economia de partilha, o *work exchange* tem-se afirmado como uma opção viável de conjugação de trabalho com lazer, potenciando o desenvolvimento de novos modelos de negócio turístico, sendo, cada vez mais, uma tendência de viagem.

A apetência e visibilidade que Portugal tem conseguido ao longo dos últimos anos, em especial a cidade de Lisboa, tornou-a mais apetecível à descoberta e conhecimento. A proliferação de *hostels*, muitos deles com prémios e reconhecimento internacional, permitiram captar a atenção de plataformas que combinam trabalho em troca de

hospedagem e alimentação. Situação que permite, aos potenciais turistas trabalhadores, a possibilidade de “juntar o útil ao agradável”, ou seja, conhecer a cidade a baixo custo e experimentar a cultura local em troca de trabalho nesses mesmos *hostels*.

Os resultados apurados mostram que a totalidade dos inquiridos consideram o *work exchange* uma alternativa viável de conjugar viagem, trabalho e diversão já que permite viajar a baixo custo, poupar no alojamento e alimentação e, com isso, ficar mais tempo nos destinos conhecendo-os melhor e com mais autenticidade, fruto das relações estabelecidas com a comunidade local.

Existem, contudo, alguns aspetos a merecer reflexão adicional. Por um lado, será importante perceber o comportamento do *work exchange* em outras cidades e países, permitindo análises comparativas futuras sobre esta realidade. Por outro lado, não menos importante, perceber a relação entre trabalho e turismo e o seu enquadramento jurídico, quase sempre, deficitário no seu enquadramento legal.

Referências

- Abrantes, J. (2016). *O contributo das companhias aéreas de baixo custo para o desenvolvimento dos hostels nas cidades de Lisboa e Porto*. (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa - Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/24633>
- Botsman, R., & Rogers, R. (2011). *What's mine is yours: How collaborative consumption is changing the way we live*. London, United Kingdom: HarperCollins Publishers.
- Callanan, M., & Thomas, S. (2005). Volunteer tourism: Deconstructing volunteer activities within a dynamic environment. In M. Novelli (Ed.), *Niche tourism: contemporary issues, trends and cases* (pp.183-200). Oxford, United Kingdom: Butterworth-Heinemann.
- Cheer, J. M. (2018). *How to visit orphanages or volunteer overseas without exploitation*. ABC Australia. Consultado em 18 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2018-01-31/improvingorphanagevoluntourism/9375614>
- Cheer, J. M. (2019). The characteristics and impacts of voluntourism. *Geodate*.
- Cheng, M. (2016). Current sharing economy media discourse in tourism. *Annals of Tourism Research*, 60, 111-114. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2016.07.001>.
- Costa, C., & Veríssimo, M. (2018). Do hostels play a role in pleasing millennial travellers? The Portuguese case. *Journal of Tourism Futures*, 4(1), 57-68. DOI: <https://doi.org/10.1108/JTF-12-2017-0054>.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative and mixed methods approaches* (4th ed.). Thousand Oaks, CA, USA: Sage Publications.

- Engelbrecht, R., Pinheiro, P., & Yurgel, L. (2018). O turismo colaborativo como ferramenta de intercâmbio: Estudo de caso de uma universidade brasileira. *Applied Tourism*, 3(3), 13-36.
- Formigoni, A. (2018). *What is a work exchange and how does it work?* Consultado em 20 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/articles/what-is-a-work-exchange-and-how-does-it-work>.
- Frazer, R., & Waitt, G. (2016). Pain, politics and volunteering in tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 57, 176-189. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2016.01.001>.
- Gomes, M. (2019). *O contributo do Web Summit para a projeção da imagem e atratividade de Portugal nos media internacionais*. (Dissertação de mestrado). Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/32727>
- Hippohelp. (2020a). *Hostmarkers*. Consultado em 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://hippohelp.com/hosts>
- Hippohelp (2020b). *Leopold and Hippohelp*. Consultado em 10 de novembro de 2020. Disponível em: <http://hippohelp.com/>
- Hippohelp (2020c). *Work travel and live with the locals*. Consultado em 10 de novembro de 2020. Disponível em: <http://hippohelp.com/>
- Hoffower, H. (2019). Lisbon is the hottest travel destination for millennials in 2019. We asked 20-somethings for their best travel tips — from fairy-tale castles to buzzing nightlife, here's what they said. Consultado em 9 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.businessinsider.nl/lisbon-portugal-travel-guide-millennials-favorite-destinations-2019-8?international=true&r=US>
- Hopperjobs (2020a). *Are you ready for a life changing experience?* Consultado em 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.hopperjobs.com/>
- Hopperjobs (2020b). *Work exchange opportunities by country*. Consultado em 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.hopperjobs.com/work-exchange-opportunities-countries/>
- Howe, N. & Strauss, W. (2007). The next 20 years: How customer and workforce attitudes will evolve. *Harvard Business Review*, 93, 13-24.
- INE. (2020). *Estatísticas do turismo – 2019*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- Kale, S. (2017). Lisbon emigration: Why millennials are moving to the Portuguese capital in their droves. Consultado em 9 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/travel/europe/lisbon-emigration-tourism-millennials-freelancers-digital-nomad-portugal-airbnb-a7967376.html>
- Kirk, D. (2019). The millennial migration - Why thousands are turning Lisbon travel into a lifestyle. Consultado em 9 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.contiki.com/six-two/why-millennials-moving-to-lisbon/>
- Reichert, F., & Print, M. (2018). Civic participation of high school students: The effect of civic learning in school. *Educational Review*, 70(3), 318-341.

- Schor, J., & Fitzmaurice, C. (2015). Collaborating and connecting: The emergence of the sharing economy. In L. Reisch & J. Thøgersen (Eds.), *Handbook on research on sustainable consumption* (pp. 410–425). Cheltenham, UK and Northampton, MA, USA: Edward Elgar Publishing.
- Sekaran, U., & Bougie, R. (2011). *Research methods for business. A skill building approach* (5th. ed). Chichester, United Kingdom: John Wiley & Sons.
- Sousa, J. (2019, Outubro 15). *Lisboa é o destino do mundo mais “cool” para os millennials*. Consultado em 18 de novembro de 2020. Disponível em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/lisboa-e-o-destino-do-mundo-mais-cool-para-os-millennials-501735>
- Stein, Y. (2017). *Volunteering to colonize: a cost-benefit analysis of the impacts of voluntourism*. (PhD Thesis). Portland State University, Portland, USA.
- Tapscott, D. (2009). *Grown up digital: How the net generation is changing the world*. New York, USA: McGraw Hill.
- Thompson, J., & Taheri, B. (2020). Capital deployment and exchange in volunteer tourism. *Annals of Tourism Research*, 81, March 2020, 102848. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.102848>
- Turismo de Portugal. (s.d.). *Hostels*. Consultado em 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Paginas/PowerBI/hostels.aspx>.
- TRAM. (2008). *Volunteer tourism: A global analysis*. Tourism Research and Marketing. The Netherlands: ATLAS Publications.
- UNWTO (2020). *Glossary of tourism terms*. Consultado em 20 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>.
- Uriely, N., & Reichel, A. (2000). Working tourists and their attitudes to hosts. *Annals of Tourism Research*, 27(2), 267-283. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/s0160-7383\(99\)00071-7](http://dx.doi.org/10.1016/s0160-7383(99)00071-7).
- Uriely, N. (2001). `Travelling Workers' and `Working Tourists': Variations across the interaction between work and tourism. *International Journal of Tourism Research*. 3(1), 1-8. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1002/1522-1970\(200101/02\)3:1<1::aid-jtr241>3.3.co;2-d](http://dx.doi.org/10.1002/1522-1970(200101/02)3:1<1::aid-jtr241>3.3.co;2-d).
- Wearing, S. (2001). *Volunteer tourism: Experiences that make a difference*. Oxon, UK e New York, USA: CABI Publishing.
- Wearing, S., & McGehee, N. G. (2013). Volunteer tourism: A review. *Tourism Management*, 38, 120-130. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2013.03.002>
- Workaway. (2020a). Consultado em 15 de outubro de 2020. Disponível em: Explore our Blog. <https://www.workaway.info/en/stories>
- Workaway. (2020b). Find a Host. Consultado em 15 de outubro de 2020. Disponível em: https://www.workaway.info/en/hostlist?showMoreOptions=0&ct=&search=lisbon&lang=en&workawayer_capacity=0&min_stay=&host_rating=0&date_start=&date_end=

- Workaway. (2020c). *How it works*. Consultado em 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.workaway.info/en/info/how-it-works/workawayer>.
- Workaway. (2020d). *Workaway.info supports the sustainable development goals*. Consultado em 15 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.workaway.info/en/info/un-development-goals>.
- Worldpackers. (2020a). *About us*. Consultado em 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/about-us>.
- Worldpackers. (2020b). *Conteúdos da comunidade*. Consultado em 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/contents>.
- Worldpackers. (2020c). *O guia completo sobre a worldpackers*. Consultado em 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/topics/como-funciona>.
- Worldpackers. (2020d). *Vagas de voluntariado*. Consultado em 15 de outubro de 2020. Disponível em: https://www.worldpackers.com/pt-BR/search?q=lisboa&order_by=WWOOF.
- WWOOF. (2020). *What is WWOOF?*. Consultado em 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://wwooof.net/what-is-wwooof/>.